


Não são terríveis, os sóis?

Maurício Fontana Filho *

Especialista em Ciências Sociais pela Universidade de Passo Fundo, UPF. Bacharel em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI. Graduando em Medicina pela Fundación Barceló.

 <https://orcid.org/0000-0003-1347-8903>

Recebido em 04 mai. 2025. **Aprovado** em: 10 out. 2025.

Como citar esta produção artística:

FILHO, Maurício Fontana. Não são terríveis, os sóis?. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 1, e6491, dez. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17809183.

Perdi três pacientes hoje. E nem eram velhos. Tinham idade de ser humano normal, que ainda não tem ânus inflamado nem seis tipos de câncer na garganta. Aqueles que aparecem nos comerciais de *whey protein*. Estavam bem vivos. Estavam. Que vida desgraçada. Três em um dia. Penso nas famílias mexendo no celular o dia inteiro. Despreocupadas. Dez horas por dia a poucos centímetros do rosto. Rede social e joguinho. Verdadeiro desperdício de cérebro super desenvolvido.

Todo mundo faz cirurgia. Se tornou uma rotina boba. Precisa de um olho? A gente consegue. Tem uma pedrinha no rim? Não tem problema. Tua esposa te traiu? Implante de glúteos. Nada como aumentar a bunda pra fazer um homem se sentir mais homem.

Uma função do médico é informar quando alguém morre. Uma espécie de garota de recados. É o que eu tenho de fazer, achar o parente do morto. Que vida desgraçada essa minha. Acordei pensando porra eu devia comer frango no almoço, frango parece legal, vai ser frango, sim. Nem chegou o almoço e já tenho três cadáveres. Eu tava preparado pra frango no almoço, pra frango e mais nada. E tinha que pensar tanto em frango? Tinha? Claro que não, cara, pelo amor de Deus, tem vários tipos de carne pra se pensar além de frango.

*

 mauricio442008@gmail.com

de hoje? Só frango, apenas queria a porra do frango. Peço frango e no lugar vem gênero líquido, nem frango líquido era. Ficaria menos puto com frango líquido num copinho. Mas não, era pedir demais, agora tenho mais dois familiares pra achar até ver meu frango, se é que ele já foi inventado, aposto que se eu pedir um, vão trazer alguma cortina que se identifica como frango, um alimento de gênero fluído, uma onça não-binária. É como se eu trabalhasse num safari. Gente exótica por todos os lados. Palavras ridículas explicam se quero foder um tubarão ou me sinto atraído por uma torradeira.

Dessa vez era uma mulher mesmo. Mulher em sentido estrito. Tinha corpo de esposa-troféu. Uns trinta e tantos anos. Cabelo liso, longo e preto. No pescoço uma coleira, e na coxa outra, só que esta tinha um metal de coração no meio. Ela usava *all star* nos pés e tinha *Art* tatuado no peito. Como se tatuar arte em inglês fosse artístico ou original. As unhas eram longas e afiadas. O problema estava nos seus olhos. Tensos. Tão tensos.

- Oi.

- Ciao, come va? Sono Amanda, molto piacere di conoscerlo.

- Ah não. Não, não, não. Eu me recuso. Isso sempre acontece comigo. Fala a minha língua. E agora. Consegue entender o que eu digo? Vosso marido já não pertence ao reino dos vivos?

- Come? Mi dispiace non capisco.

- Vai precisar retirar o corpo na recepção. Entende isso?

- Cosa significano queste parole? Ho bisogno di aiuto!

Daí agarrei ela pelos ombros e dei uma chacoalhada.

- Olha pra mim, tá? Eu uso jaleco branco e tenho a coisa de ouvir corações enrolada no pescoço. Também tenho um crachá escrito *Doutor Vonnegut*. Vai, essa é fácil.

- Che succede, andrà tutto bene? Mi fa male così!

Comecei querendo falar pra ela que o companheiro tinha morrido. Só que era inútil e saí andando. Deve ter um dicionário por aí. Não estou preparado pra essa vida. Não importa. Só quero comer. Ser um profissional de merda dá muita fome.

Ser médico não é fácil. Todo dia falando com doente. Todo dia apertando mão suada, grudenta. Todo dia usando jaleco. E se quisesse usar preto ou verde? Não poderia. Seria preso. Sim, algum engravatado em um belo dia criou lei que prende médicos que usem vestes outras que

o tal camisolão branco. Difícil imaginar, mas é assim que é, nada faz sentido, e as coisas são do jeito que são só por serem, tudo bem arbitrário, aleatório, podia não ser, mas é, então segue sendo. E a gente aceita. E sigo usando roupinha branca no hospital.

Eis que avisto uma menina loirinha, exageradamente magra, cabelo curto, tatuagens nas mãos, piercings no rosto. Tem cara de alguém que toma Alprazolam duas vezes antes de dormir, depois acorda e toma mais.

- Oi.

- Ah, olá, deu tudo certo?

- Bom, não tão certo...

- Aconteceu alguma coisa?

- Então, ele passou por uma cirurgia, sabe.

- Sim, sim, ele vinha reclamando muito de nariz trancado, acho que agora finalmente vai respirar bem.

- É, sobre isso, ele não sobreviveu.

Daí a menina fez um enorme silêncio. E ficou me olhando como se fosse inacreditável. Alguém precisa explicar pra ela que as pessoas morrem todos os dias, mas tinha que ser eu? O que ela disse bem baixinho foi um “que” em forma de gemido. A palidez no rosto deixou as sardas ainda mais visíveis. Parecia tão frágil. Vulnerável.

- Como é que isso aconteceu?

- Na verdade estamos em um hospital, acontece direto por aqui. Todo dia morre alguém. Mas assim, vai muito porque o cirurgião dele era uma porcaria.

- Não era o senhor o cirurgião dele?

- Então, sim, eu era o cirurgião dele. Um muito ruim, sabe, difícil imaginar como vocês me escolheram, julgamento precário de vocês, é.

Ela olhou envolta com as sobrancelhas arqueadas, como se não entendesse o que sucedia. Gesticulou com as mãos. Parou. Voltou a gesticular com as mãos.

- O meu namorado morreu?

- Foi o que aconteceu. Correto.

Ela parou de novo. Olhou ao redor. Olhou pra mim. Olhou ao redor de novo.

- Você matou meu namorado?

- Calma aí, não forcei seu namorado a ter nariz entupido. Nem a fazer cirurgia. Eu tinha avisado, lembra. Eu tinha avisado, não tinha? Eu disse, como que eu disse mesmo? É, eu disse, “eu sou muito ruim, tem certeza de que quer que eu te opere?” E vocês disseram que sim rindo bastante, lembra. Uma coisa assim. Eu acho que eu disse isso pra alguém.

- Cara, isso nunca aconteceu!

- Ah, talvez tenha sido outro paciente, então, mas o que importa é que alguém foi avisado. É, acho que me contratar não foi uma boa. Nem eu me contrataria, e contrato qualquer um pra fazer o que seja. Cirurgia é negócio sério, menina. Na próxima vez escolha um cirurgião com mãos firmes. Não na próxima vez do seu namorado porque ele não faz mais cirurgia. Na sua próxima vez, ou de um familiar, é, perfeito, ou de um familiar.

- O senhor disse que era um procedimento tranquilo! Que ele ficaria bem!

- Eu disse isso?

-Sim! Disse!

- Ah, pois então não deveria ter dito.

A menina choramingava, e pensei, coitada. Não, não pensei isso. Achei sua decepção, sua turbulência emocional, valiosas. Um momento imbuído de significado. Visceral. Eu salivava a vendo verter em lágrimas. Uma visão, apreciável. Venerável. Invejável pintura que rompia com meu mundo neutro. Mas se escrevo isso aqui vou ser deportado, e não quero viver fora do Brasil, aqui tem sistema de saúde e educação gratuitos. Já viu um país onde em cada esquina tem uma farmácia? Sempre que preciso comprar manteiga de cacau, acho um lugar rapidinho. Meus lábios jamais foram tão macios. É fantástico.

A menina devia ter uns 19 anos. Era do tipo que se olha e pensa, cara, eu engravidava. E depois fugia. Rápido. Guatemala. Disse que se chamava Manu. Tinha um piercing logo abaixo do nariz, na linha do bigode, um no centro do lábio inferior e outro logo abaixo deste. Tinha um piercing na sobrancelha esquerda e outro na narina esquerda.

- Viu, por que tanto ferro espetado aí?

- Gosto deles, me sinto mais eu mesma.

- Se sente mais tu mesma rasgando teu corpo e pendurando arame? Por quê? Por que caralhos? Por que malditos caralhos?

Ela não respondeu, só ficou ali me encarando, então perguntei se era por causa dos meus lábios muito macios. Ela não disse. E terminou assim. A menina ficou nessa, refletindo entre lágrimas, comigo sem saber se esperava uma resposta ou se saía. Saí. Devia estar olhando meus lábios. Eles são muito macios.

Comprei um maldito dicionário de italiano. Na verdade, confisquei. Sendo médico a gente aprende que quando quer algo, se pode tomar que ninguém reage. O mundo é nosso castelo. Os enfermeiros nos odeiam. Achem que temos demasiados privilégios. Pensam que nos comportamos como superiores. Mas é bem difícil ser superior e não se comportar como tal. Já viu o Sol tentando ser a Formiga? Pois é. Médico só consegue agir como Sol, porque somos do caralho. A gente salva vidas e essas coisas, menos eu, que dou trabalho para as funerárias, cujos empregados sempre me cumprimentam na rua.

-Oi.

-Ciao, come va il mio marito?

-Espera. Espera. Só me deixa achar as palavras aqui pra me comunicar. *Mari-to. Mori-re.*

Daí fiquei olhando pra moça até ela chorar e repeti as palavras mais umas duas ou três vezes. Como se fosse um cântico de igreja. Ela ficou em silêncio. As lágrimas saíram. Comemorei. Mais lágrimas saíram. Ficou ali olhando pra baixo. E contando como planejaram um monte de coisa juntos e queriam filhos e não sei mais o quê. Tudo em italiano. Acho que ela também falou sobre viver na floresta com os índios Águia da Noite. Se entendia o que ela dizia? Não, não mesmo. Mas acho que ela disse isso. Alguma coisa relacionada a índios e águias na noite.

Ela chorava. Tremia. Soluçava. Eu me aproximei. Coloquei o braço sobre seu ombro e ela me abraçou. Sentia seu corpo fervendo ante o meu. Colapsava. Então minha mão desceu das costas à cintura, e da cintura ao glúteo. Inspirei seu pescoço. Passei meus dentes por ele. A língua. Ela disse “*per favore, non farlo*”, ou algo parecido em tom de súplica manhosa, e tentou se desvencilhar, o que não permiti.

A gente ficou ali, com um monte de médicos e enfermeiros passando a todo momento. Era um corredor. Todos me notavam a apalpar uma moça que resistia. Por isso ser normal nos hospitais, ninguém ligava. Os enfermeiros não podiam intervir, já que são de hierarquia baixa, e perderiam o pouco que construíram. Quanto aos médicos, a maioria faz o mesmo, só que em

lindos consultórios privados. Além disso, um médico não delata outro médico. É uma regra não escrita. Honra profissional é importante.

Ainda a conduzi pelo braço e embriaguei meus lábios em seu corpo. Suas lágrimas banhavam minha alma. Parecia, amortecida pela perda. As mesmas mãos trêmulas que a despiram do matrimônio, amparavam seu sexo. A resistência migrou para a submissão, que fluiu para a reciprocidade.

Não são terríveis, os sóis?